

Semiótica e historiografia linguística: disciplinas contra-hegemônicas

Semiotics and linguistic historiography: counter-hegemonic disciplines

JEAN CRISTTUS PORTELA ^a

Universidade Estadual Paulista. Araraquara – SP, Brasil

RESUMO

Com base nas concepções da historiografia linguística e da história das ideias linguísticas, disciplinas como a semiótica geral podem ser consideradas contra-hegemônicas na medida em que desafiam o *status quo* de um determinado estado de ciência. Em vista disso, este trabalho propõe uma leitura crítica do modo como os semioticistas ocuparam-se da história da semiótica do discurso. Partindo de evidências que demonstram a força da abordagem historiográfica nos estudos semióticos, analisamos algumas abordagens historiográficas em semiótica, para propor as linhas gerais de uma meta-historiografia de inspiração semiótica.

Palavras-chave: Semiótica, historiografia linguística, história das ideias semióticas, epistemologia.

ABSTRACT

Based on the concepts of linguistic historiography and the history of linguistic ideas, disciplines such as general semiotics can be considered counter-hegemonic insofar as they challenge the status quo of a determined state of science. This study critically reads how semioticians have addressed the history of semiotics of discourse. Starting from evidence that highlights the strength of the historiographical approach in semiotic studies, we analyze some historiographical perspectives in semiotics to outline the general framework of a semiotic-inspired meta-historiography.

Keywords: Semiotics, linguistic historiography, history of linguistic ideas, epistemology.

^a Professor Associado do Departamento de Linguística, Literatura e Letras Clássicas e do Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Pesquisador do CNPq. Orcid: 0000-0002-4070-1149. E-mail: jean.portela@unesp.br.

A HISTÓRIA DA SEMIÓTICA COMO OBJETO DE ESTUDO

A reação dos gerativistas à minha decisão de contar e analisar a história da área foi mais complexa. . . . Eles temiam que eu ficasse marcado por ser um “historiador da linguística”, que, para muitos deles, ocupa uma posição até mesmo mais baixa do que aquela de “semiotista”. (Newmeyer, 1996, p. 2)¹

¹No original: “The reaction of generative grammarians to my decision to chronicle and analyse the history of the field was more complex [...] They feared that I would become tarred with the brush of being an ‘historian of linguistics’, who, to many generativists, occupy a status level even lower than that of ‘semiotician’”. Esta e demais traduções, do autor.

A SEMIÓTICA DO DISCURSO, conhecida como semiótica discursiva, semiótica francesa ou greimasiana, outrora também chamada de semiótica da narrativa, semiótica do texto ou da Escola de Paris, celebrará, em 2026, sessenta anos da publicação de sua obra fundadora, a *Sémantique structurale*, de A. J. Greimas (1966). A essa efeméride, soma-se o consumado centenário, comemorado em 2016, do *Cours de linguistique générale*, de Ferdinand de Saussure, obra que projetou a empreitada estrutural e introduziu a então chamada *sémiologie* no panorama científico do século XX, décadas depois de Charles Sanders Peirce ter definido sua “doctrine of signs”, a *semiotics*, segundo a inspiração de John Locke (Nöth, 1990, p. 24).

Que se considere como mais de 100 ou quase 60 anos o marco-zero da fundação da semiótica do discurso, o fato é que essas são medidas temporais importantes, pois abarcam o surgimento e o ocaso de ideias diversas que se traduziram na intensa atividade intelectual de muitas gerações de estudiosos da língua e da linguagem. A simples concepção de datação e de marco-zero, ainda que mencionada segundo o senso comum, no modo como os pesquisadores e os estudantes frequentemente pensam a história da teoria, seleciona e oculta a quantidade de ideias e de escolas que subjazem ou perpassam a semiótica do discurso como episteme.

Em geral, a história da semiótica do discurso, assim como parece se dar em relação à história de muitas disciplinas científicas, tem sido evocada ou em seu ensino ou para justificar, relativizar ou suprimir seus pretensos defeitos e suas qualidades, de modo mais anedótico do que propriamente epistemológico e metodológico. Assim como a linguagem, decalcando a fórmula clássica de Hjelmslev (2003, p. 3), podemos supor que a história das ciências da linguagem quer ser ignorada.

Segundo essa atitude científica, a semiótica seria, para muitos, um caso singular no seio das ciências da linguagem. A novidade, a singularidade e a consequente fragilidade do seu estatuto perante as demais especialidades da linguística se confundem nas relações por vezes conflituosas que a semiótica mantém com a linguística geral, com as demais teorias do discurso e com as ciências humanas, em suma, com disciplinas que, de modos diferentes, abordam a significação do que é humano.

A julgar pela bibliografia sobre a epistemologia e a história da semiótica discursiva, o semioticista parece mais interessado em explicar novos objetos e em formular novas teorias do que em explicar o funcionamento da própria semiótica e elaborar teorias sobre as condições de haver teorias da linguagem, de acordo com os parâmetros da historiografia linguística² formalizada (cf. Koerner, 1989, 1995a, 1995b; Swiggers, 1990, 2012). Ainda que os trabalhos produzidos em semiótica tenham muitos capítulos de exposição e de definição da teoria, como supostamente exige o método monográfico tradicional de construção da fundamentação teórica, um tratamento histórico e epistemológico de colocação em perspectiva dos fatos teóricos segundo diferentes vertentes, problemas e soluções é pouco frequente.

No Brasil, as bem-vindas exceções à situação de indiferença à história e à epistemologia da semiótica do discurso devem-se às contribuições dos pioneiros D. L. P. de Barros (1999, 2007, 2012) e J. L. Fiorin (1995a, 1995b, 1996, 1999, 2002, 2003, 2004, 2006, 2007a, 2007b, 2016): a primeira exercitando, continuamente, um olhar histórico sobre a dimensão institucional e teórica da semiótica, visada que foi com frequência aquela de E. Lopes (1997) e I. C. Lopes (2010, 2011, 2012, 2014); e o segundo historiando e redefinindo conceitos, e fazendo aproximações decisivas para o desenvolvimento da semiótica em sua relação com a linguística, com a retórica e com a comunicação. Essa última atitude, de revisão exigente da teoria, adquire uma coloração particularmente viva nas reflexões de W. Beividas (2013, 2015a, 2015b, 2015c, 2016) sobre as exigências de uma epistemologia discursiva, de base hjelmsleviana e tensiva, que atualiza o debate sobre as origens e o devir da semiótica.

De modo geral, na semiótica do discurso, os estudos mais frequentes são aqueles que tratam dos princípios imanentes ao próprio programa científico do grupo, que se afirma, mais comumente, singular e potencialmente “revolucionário” (Murray, 1994) perante as demais ciências da linguagem. É esse modo fechado em si mesmo, de distinção de seus pesquisadores protagonistas e de concepção da sua história, que F. Rastier caricaturiza quando afirma que, na semiótica greimasiana:

Durante muito tempo, o modelo genealógico, bíblico por excelência, tomou o lugar da história. Cada fundador dava origem a uma linhagem. Assim, até sua extinção, a École de Paris foi: Saussure *gerou* Hjelmslev, que *gerou* Greimas, *que gerou* Courtés e Fontanille. (Rastier, 1997, grifos nossos)³

Esse modo de narrar a própria história, chamado por Rastier de “genealógico”, é um dos nossos objetos mais constantes de estudo, que tem como principal

²Neste trabalho, utilizamos “historiografia linguística” (também repertoriada como “historiografia da linguística”) ora para designar especificamente a corrente teórica proposta por Koerner (1989, 1995a, 1995b) e Koerner e Asher (1995), difundida no Brasil por Cristina Altman e seus colaboradores, ora para denominar o campo historiográfico dos estudos da linguagem de modo mais geral, como fazemos no título do artigo, que englobaria a historiografia linguística em sentido restrito e a história das ideias linguísticas, de S. Aurox.

³No original: “Le modèle généalogique, biblique par excellence, a longtemps tenu lieu d’histoire. Chaque fondateur donnait naissance à une lignée. Ainsi, l’école de Paris s’est tenue jusqu’à sa disparition à: Saussure *genuit* Hjelmslev, *qui genuit* Greimas, *qui genuit* Courtés et Fontanille”.

objetivo lançar as bases de uma reflexão historiográfica sobre a semiótica, fundamentando-se na historiografia linguística de E. F. K. Koerner e de pesquisadores como P. Swiggers, S. O. Murray e C. Altman, de modo a ler criticamente os aspectos epistemológicos e metodológicos envolvidos na elaboração da semiótica do discurso. Esta, por sua vez, é tratada como uma disciplina social e historicamente situada, uma disciplina entre tantas, que discutiu os problemas e as soluções que seu tempo, seu programa científico, sua retórica, seus grupos, seus líderes e seus pesquisadores puderam produzir.

A pesquisa sobre a historiografia da semiótica se desenvolveu, como veremos mais adiante, de modo intuitivo, dando lugar, na Europa, tanto a crônicas históricas de caráter enciclopédico, como as de Hénault (1997) e Hénault e Beyaert (2004) e de Coquet (1982), em que se narra a genealogia histórica anteriormente evocada por Rastier, com algumas variações, e em que se apresentam ponderações e aplicações sobre objetos de análise concretos, como a trabalhos de inovação, a exemplo dos de Badir (2013), Zilberberg (2004) e Landowski (1997), que propõem um resgate histórico em que prevalece a ordem epistemológica da teoria avaliada segundo as propostas originais dos próprios estudiosos.

Tanto as crônicas quanto os trabalhos de inovação, embora explorem diferentemente a epistemologia e a história da semiótica, não apresentam uma visada historiográfica explicitada e estruturada. O que se observa nesses trabalhos é, sobretudo, um exercício de especialistas, de eruditos, que nos revelam o produto das originais conexões que estabelecem, mas não nos levam, muitas vezes, a refletir sobre a natureza das fontes e, sobretudo, dos objetivos que fundamentam sua reflexão.

Outro ponto comum entre esses estudos é o fato de adotarem uma perspectiva quase que exclusivamente internalista, voltada ao programa científico, não estabelecendo relações com outras disciplinas e com aspectos ditos externos, de ordem social e histórica.

Entre os raros estudos sobre a história da semiótica que têm uma metodologia historiográfica explicitada, podemos citar os trabalhos de Broden (2013) e de Almeida (2010), que tratam, respectivamente, da biografia intelectual de A. J. Greimas em relação ao desenvolvimento da semiótica e da corrente tensiva da semiótica na Universidade de São Paulo (USP), de 1994 a 2008. A seu modo todo particular, o já mencionado Lopes (1997) também deve ser lembrado como o primeiro trabalho de fôlego de um semiótico brasileiro sobre a epistemologia e a história da semiótica.

A perspectiva meramente internalista, que se debruça tão somente sobre a dimensão epistemológica de uma disciplina, entra em conflito com os princípios essenciais da historiografia linguística, que considera, de modo dinâmico e complexo, a escrita da história de uma disciplina:

. . . o trabalho do historiógrafo das ciências da linguagem deve focalizar não só a dimensão cognitiva do desenvolvimento da disciplina, a chamada dimensão interna, mas também a sua dimensão social, externa, se quisermos. A atividade de escrever a história da linguística presume, pois, a tarefa de reconstrução dos “fatos” a partir dos quais o historiógrafo constrói seu sistema de referências, mas pressupõe também a tarefa de selecionar e interpretar como os problemas linguísticos se constituíram, se formularam e se reformularam através do tempo. (Altman, 2012, p. 29)

Entre interno e externo, ou seja, em termos historiográficos, entre o teórico e histórico, a semiótica tem um modo próprio de sincretizar essas duas dimensões no registro do texto, como procuraremos explicitar.

SEMIÓTICA: A CONTRA-HEGEMONIA DA LINGUAGEM

Semiótica e historiografia linguística, como projetos científicos e sociais, considerando suas origens e seus propósitos, só podem se estabelecer como disciplinas de resistência contra o lugar-comum, contra o já-dito, contra ideias cristalizadas, preconceitos, privilégios e visões comodistas e orientadas a garantir o *status quo* epistêmico. Somos – semioticistas e historiógrafos – ou deveríamos ser *outsiders*, pois nosso ofício exige um deslocamento, um descompasso, em relação ao presente e muitas dúvidas sobre o passado e o futuro.

Semioticistas, linguistas e historiógrafos não são polícia, não são detetives nem juízes, como nos lembram Fiorin – “[análise] não é investigação policial” (Fiorin, 2007c, p. 49) – e Landowski (2002, p. 20): “. . . nem a indignação nem a revolta contra (as) discriminações substituem a análise”.

No entanto, o que sabemos, o que descobrimos, não podemos ignorar. O que a linguagem e a história nos mostram, não podemos esquecer.

A semiótica americana, calcada na filosofia, na lógica, nas ciências naturais e até mesmo na psicologia da época, propunha uma ruptura na consideração dos fenômenos de linguagem. A semiótica eslavo-germânica, seja em seu ramo cultural, seja naquele dito cognitivista, faz um contraponto ao saber meramente literário e social de uma época, propondo uma reflexão sobre os códigos da cultura em diferentes dimensões.

Já a semiótica do discurso, como resultado de suas origens estruturais, é recebida nos estudos literários da época como uma teoria anti-histórica, que busca autonomização em relação à ordem social. Essa situação é bem diferente no presente, mas a fratura ou, pelo menos, a separação entre o semiótico e o social persiste e, se pensarmos de modo bem geral, não é completamente alheia às concepções das diferentes semióticas.

A semiótica geral, por seu compromisso irreduzível com a linguagem, com a semiose, só poderia se situar como disciplina contra-hegemônica e de objeto próprio e bem delimitado, sob diferentes aspectos, independentemente da corrente teórica de que se trata.

HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA: A CONTRA-HEGEMONIA DA HISTÓRIA

O aspecto “meta-” exige a adoção de um “olhar distanciado”. Se não gostarmos da metáfora conceitual espacial “distância”, “boa distância”, podemos utilizar o termo “olhar situado”, guardando a metáfora espacial, na medida em que se trata de um olhar circunstanciado e esclarecido sobre as implicações do ato de olhar, de examinar, no ir e vir entre objeto e ponto de vista.

A historiografia linguística, independentemente da corrente teórica, é uma disciplina revolucionária ou de potencial revolucionário, uma vez que, por meio de documentos (textos e discursos) faz emergir, de modo dinâmico, histórias(s), em complemento ou em contraponto.

REESCREVER A HISTÓRIA

A partir dessa base duplamente contra-hegemônica, da semiótica e da historiografia, fomos escavando, comparando, duvidando e compondo, ao longo da última década, um cenário mais amplo de explicação sobre o modo como a semiótica do discurso se desenvolveu e se situou entre as teorias da linguagem a partir dos anos 1960.

Sumariamente, compreendemos que:

- (a) a teoria franco-belga da História em Quadrinhos desenvolveu-se nos anos 1970, 1980 e 1990 quase que inteiramente à parte da semiótica do discurso, com grande desconfiança, em alguns casos, em relação aos pressupostos ditos semióticos, conforme Portela (2016);
- (b) a semiótica narrativa de Greimas se enriquece quando lida à luz da narratologia dos anos 1960 e 1970, a partir de contribuições de Bremond e de Todorov, e até mesmo de Dundes (Santos, 2014);
- (c) a hoje subestimada semiologia é amiga das cidades, da cultura de massa e das novas artes; e, que para além de Saussure, Mounin e Barthes, há semiólogos dos anos 1970 que pensaram as mais diversas linguagens sem as ferramentas talvez apropriadas, mas com lucidez invejável, a exemplo de Pierre Fresnault-Deruelle, como esclarece Granado (2021);

- (d) Paul Ricoeur, grande amigo e crítico cuidadoso da semiótica de Greimas, não somente fez objeções à semiótica narrativa da época, como, em seu encontro improvável com a semiótica (o termo é de Louis Panier) aumentou potencialmente a consciência da teoria sobre o ato interpretativo (Santos, 2014);
- (e) o termo ideologia, segundo Portela (2019), pouco ou nada utilizado pelos semioticistas greimasianos europeus, embora dicionarizado com um sentido bem definido, não causava problemas aos semioticistas brasileiros dos anos 1970 e 1980, em sua leitura marxista e de análise do discurso;
- (f) na teoria da enunciação greimasiana, deve-se o termo embreagem não só às reflexões de R. Jakobson sobre os *shifters*, mas também a Burks (1949), fonte de Jakobson, que estudando a classificação de Peirce para os signos, principalmente em relação à natureza dos símbolos e dos índices, concluiu que os embreadores não possuem uma significação única (Prado, 2018);
- (g) a emergência do sensível ocorre já nos primeiros escritos de Greimas, em 1956, em *L'actualité du Saussurisme*, e a partir desse texto, de 1966 a 1991 (em coautoria com Fontanille), surge o sensível tanto na retórica quanto na imanência da teoria, de acordo com Moreira (2019);
- (h) a noção de figuratividade é originária das artes plásticas e da retórica e é um dos poucos conceitos da teoria semiótica que atravessou décadas de experimentação teórica e chega, ainda hoje, atual e central nas preocupações da semiótica, como elucida Santos (2020); e
- (i) analisando citações, pode-se quantificar e qualificar textualmente a influência, a partir de operações tensivas (Moreira et al., 2021).

Essas demarcações, ou achados de pesquisa, permitem-nos entender por que semiótica e historiografia têm um potencial para reescrever a história e o aparato teórico-metodológico das teorias.

CRONISTAS E INOVADORES DA HISTÓRIA DA SEMIÓTICA DO DISCURSO

Entre as delimitações, ou os achados, que evocamos anteriormente, falta um, relacionado a como fazer a semiótica e a historiografia linguística dialogarem na própria redação e análise da escrita da história. Nosso ponto de partida será o modo como a história da linguística não se ocupou da semiótica e sobre como os semioticistas europeus se ocuparam de sua história (Portela, 2018).

⁴Segundo Marie-Paule Caire-Jabinet (2013, p. 13), “... a historiografia abre amplos horizontes aos historiadores: analisar conceitos e debates, estudar práticas e os discursos”. No original: “... l’historiographie ouvre de vastes horizons aux historiens: analyser concepts et débats, étudier les pratiques et les discours”.

⁵Pensamos aqui nos dois tomos monumentais organizados por C. Delacroix et al. (2010a, 2010b), *Historiographies I e II: concepts et débats*.

⁶No original: “Cet ouvrage n’est pas une histoire encyclopédique de la linguistique, et ne prétend pas remplacer les travail qui brossent un panorama historique de la linguistique. L’optique de celui-ci est *différente*: il ne s’agit pas de faire un relevé des acquis des sciences du langage, dans leur évolution de l’Antiquité au XIXe siècle. Il ne s’agit pas non plus de faire défiler ‘les grandes figures’ de l’histoire de la linguistique et de mettre à l’avant-plan des ‘acteurs’ particuliers. L’histoire proposée ici est une *histoire conceptuelle* de la linguistique, qui prend comme objet la ‘pensée linguistique’”.

Há várias maneiras de se considerar o problema da construção e compreensão da história. No domínio da historiografia (a história da história ou, mais precisamente, a história da pesquisa histórica)⁴, a história de uma disciplina pode ser construída por meio do que podemos chamar de “história intelectual” e “história conceitual”, diferentes derivações da história das mentalidades e da história cultural. Para a historiografia contemporânea⁵, a *história intelectual* trabalha com problemáticas científicas e culturais gerais e transversais ou, ainda, com pesquisas de fundo biográfico ou disciplinar, enquanto a *história conceitual* se interessa pelos conceitos e termos propriamente ditos, pelo léxico mobilizado em um dado campo disciplinar ou em uma dada época.

Essa diferença de abordagem – intelectual *versus* conceitual – não marcou verdadeiramente os debates sobre a história intelectual das ciências da linguagem no domínio francês, que empregaram o termo corrente “história das ideias” para designar seu projeto historiográfico. Os termos “história das ideias”, “história do pensamento” ou “história conceitual” são, muitas vezes, utilizados indiferentemente no domínio da historiografia linguística. P. Swiggers, por exemplo, nos apresenta suas ideias sobre a história do pensamento linguístico como uma pesquisa de caráter conceitual:

Esta obra não é uma história enciclopédica da linguística, e não pretende substituir os trabalhos que fazem um panorama histórico da linguística. Sua ótica é diferente: não se trata de fazer um inventário das aquisições das ciências da linguagem, em sua evolução da Antiguidade ao século XIX; não se trata também de fazer desfilar “as grandes figuras” da história da linguística e de colocar em primeiro plano determinados “atores”. A história aqui proposta é uma *história conceitual* da linguística que toma como objeto o “pensamento linguístico”. (Swiggers, 1997, pp. 1-2, grifos do autor)⁶

O projeto “História das ideias linguísticas”, dirigido por Sylvain Auroux, que aqui nos interessa especialmente, foi iniciado em 1982, segundo o próprio Auroux, por sugestão de Michel Meyer. Esse projeto deu origem a três volumes importantes sobre o tema: o primeiro, que se inicia na Antiguidade, foi publicado em 1989; o segundo, em 1992; e o terceiro, em 2000. Do ponto de vista do período abarcado, o terceiro e último volume vai até o final dos anos 1930.

Embora o projeto dirigido por Auroux não seja o único a contribuir para a história das ideias linguísticas – importante aqui registrar as décadas de contribuições de Koerner (1989, 1995a, 1995b), Koerner e Asher (1995), Altman (1998, 2021), Batista (2023), Batista e Bastos (2020), Coelho (2018, 2021), entre outros, sobretudo do ponto de vista metodológico de uma meta-historiografia –,

ele resta como uma importante referência para aqueles que se interessam pela historiografia da linguística, pois apresenta propostas metodológicas muito atuais:

- (1) *Apesar do título do projeto ser “História das ideias linguísticas”, Auroux, muitas vezes, prefere fazer referência às “ciências da linguagem” e não à “linguística”, pois, segundo ele, o termo “linguística” é muito recente – nasceu como um neologismo na Alemanha, em 1777, e depois foi utilizado em francês pela primeira vez em 1812 – para reunir, de maneira satisfatória, as correntes teóricas das ciências da linguagem, antes e depois dos séculos XVIII e XIX.*
- (2) *É preciso ter cuidado com a conciliação entre o passado e o futuro: como diz Auroux (1989, p. 14): “O saber (as instâncias que o colocam em prática) não destrói seu passado como acreditamos frequentemente de modo equivocado, ele o organiza, escolhe, esquece, idealiza, do mesmo modo que ele antecipa seu futuro o sonhando enquanto o constrói. Sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber”.*
- (3) *Uma concepção de método não pode se contentar com definições prévias e que se prestam à apreensão interna e externa dos saberes construídos. Seu método tem por objetivo: (a) “determinar em cada caso o núcleo duro do conhecimento da linguagem natural e seguir a sua evolução”; (b) “compreender a constituição das disciplinas nas suas relações umas com as outras, sem adotar fronteiras ou limitações pré-concebidas; e (c) “finalmente, levar em conta o aspecto sociológico ou institucional desse saber, do contexto social e dos interesses e práticas que estão na origem dessa produção” (Auroux, 1989, pp. 15-16).*

A historiografia das ciências da linguagem se erigiu, desse modo, como um projeto de revisão da tradição (da hegemonia), na medida em que pode nos ajudar a desconstruir alguns mitos solidamente implantados nas mais diversas correntes metodológicas do campo científico.

A OMITISSÃO “NATURAL”

Os esforços de Auroux na construção e na compreensão das ciências da linguagem ignoraram as bases das teorias contemporâneas do discurso, da semiologia e da semiótica discursiva. No domínio da historiografia linguística, em sentido restrito, o interesse dos pesquisadores recai exclusivamente sobre as unidades que se situam abaixo do nível da frase: é a fonética, a fonologia, a morfologia e a sintaxe, especialmente esta última, que interessam a esses

historiadores e historiógrafos da linguística, que têm por objeto privilegiado as teorias gramaticais, em seus aspectos de formalização e descrição. No máximo, recorre-se à filosofia da linguagem.

Essa exclusão do pensamento discursivo ou semiótico do campo da historiografia linguística pode ser considerada como uma omissão “natural”, pois os pioneiros da historiografia linguística não teriam por que ampliar seu campo de interesse para assuntos que não tratam ou não reconhecem a cientificidade.

Entretanto, essa omissão “natural”, sempre entre aspas, nos revela uma concepção de linguística estreitamente disciplinar ou, ainda, sectária, devido à recusa a integrar, a seus interesses, os problemas semânticos (M. Bréal já acusava a linguística da época de fazer exatamente isso) e, em sentido amplo, as questões relacionadas ao discurso e à significação das demais linguagens. Se levarmos em conta a questão desse ponto de vista, a omissão ou exclusão de que falamos se apresenta como uma escolha que, no limite, apaga uma das contribuições capitais da linguística do século XX: os estudos do texto e do discurso.

O terceiro tomo de *História das ideias linguísticas*, organizado por S. Auroux (2000), é exemplar nesse quesito. A semântica e a pragmática, nele, recebem uma atenção bastante modesta. No caso da semiótica, a situação não é diferente: o capítulo intitulado “A ordem dos signos” tem uma primeira seção nomeada “A semiótica”, escrita pelo alemão Achim Eschbach, especialista em Charles Morris, que cita abundantemente Peirce e dedica uma meia página a F. de Saussure. Ora, mesmo considerando que os anos 1930 foram escolhidos como limite temporal, parece-nos que a escolha do autor da seção sobre os signos e a pouca atenção às ideias de Saussure não sejam gratuitas. Se o critério determinante é o temporal, M. Bakhtin e V. Volóchinov, por exemplo, que dialogam com a linguística europeia do século XIX e do começo do século XX, deveriam figurar nessa obra, se não na seção sobre os signos, em um capítulo inteiramente dedicado a seu pensamento linguístico.

Ainda que apreciemos as ideias de Auroux e seus colaboradores, isso não nos impede de lamentar suas omissões e, sobretudo, problematizá-las. É bastante claro que se os semioticistas não fizerem a história de sua disciplina, é inútil esperar que outros façam. A esse respeito, é inevitável evocar o que diz Auroux (2014, p. 7) em uma das epígrafes escolhidas para este trabalho: “. . . para definir seu próprio estatuto histórico nunca se está tão bem servido quanto por si mesmo!”

Por último, a título de contraponto, é preciso atentar-se para uma questão pertinente na construção da história e, portanto, da historiografia das disciplinas científicas: a diferença temporal em relação ao objeto analisado desempenha um papel decisivo na observação dos fenômenos. Quando Auroux começou a

trabalhar em seu projeto de história das ideias linguísticas, entre 40 (no começo do projeto) e 60 anos (ao seu final) o separavam de seu objeto. Em 1982, talvez fosse mais difícil avaliar a relação entre a linguística geral e as disciplinas do texto e do discurso. Havia muita novidade, agitação e confronto. Em 2017, entretanto, vemos como estamos na posição de observadores privilegiados dos nossos pioneiros dos anos 1970 e 1980.

SOMOS TODOS HISTORIÓGRAFOS?

De certo modo, quando trabalhamos em um campo como o da semiótica, não estamos equivocados em pensar que somos todos, de algum modo, historiógrafos, devido ao nosso interesse por triar nossas fontes, organizar e explicitar as definições que balizam nosso pensamento e, principalmente, de nos posicionar em relação à tradição. Em geral, a importância de nos justificar e de nos explicar nos faz cientes do método e nos leva a assumir, não raramente, posições bem delimitadas. Nossa necessidade de explicitar o caráter e a pertinência da semiótica é, diríamos, “instintiva”.

Isso nos leva a nos apropriar da história da teoria, retocando-a com nossas próprias cores. Por vezes, não temos interesse algum em explicitar e justificar nossas escolhas teóricas. Alojamo-nos confortavelmente no seio da semiótica para criarmos modelos e reflexões, sem nos darmos conta de que o silêncio é tão ou mais significativo do que declarações.

Desse modo, vemos que a atividade dos historiógrafos um pouco distraídos que nós somos não compreende apenas “projetos intencionais”, projetos explícitos e conscientemente historiográficos. Isso nos autoriza a supor que o pensamento historiográfico é próprio ao pensamento científico, especialmente nas ciências humanas, em que a noção de progresso resta sempre por construir e por defender.

CRONISTAS E INOVADORES

É difícil lançar um olhar de conjunto sobre a produção historiográfica que trata sobre a semiótica do discurso. A disciplina é jovem e movente, e tem suas próprias exigências. Ademais, a historiografia entre os greimasianos, como já vimos, salvo pelos trabalhos de Thomas F. Broden (2013), não produziu um programa metodologicamente explícito. Temos nos centrado, em geral, na análise dos sistemas conceituais (o que Koerner (1989), por exemplo, chama de imanência da teoria) e dado pouca ou nenhuma atenção (1) à retórica da teoria, (2) às ideias que permeiam e circundam os sistemas conceituais e (3) aos aspectos sociais e institucionais. Nosso trabalho, muito frequentemente,

não distingue livros, periódicos ou anais como textos de acesso à teoria e nem se desdobra na construção de um corpus de depoimentos e entrevistas. Não é à toa que os historiógrafos *tout court* das ciências da linguagem têm dificuldade de reconhecer nossas iniciativas no quadro teórico da historiografia.

De uma maneira geral, conhecemos, até o momento, duas abordagens historiográficas em semiótica:

- (1) As abordagens baseadas na memória, isto é, sobre as crônicas em seus aspectos científicos, associativos e institucionais, de que obras como *Sémiotique: l'École de Paris*, de J.-C. Coquet (1982), e *História concisa da semiótica*, de A. Hénault (1992, 2009), são os exemplos mais conhecidos; e
- (2) Abordagens baseadas em problemas teóricos, em geral, transversais e que reclamam uma síntese ou solução, como é o caso das duas primeiras partes de *Razão e poética do sentido*, de Claude Zilberberg (2004), e do preâmbulo de A. Hénault à obra *Atelier de sémiotique visuelle*, organizada por A. Hénault e A. Beyaert (2004).

A primeira abordagem, que poderíamos chamar *memorialista* ou *cronista*, orienta-se essencialmente pela diacronia dos fatos teóricos (aqui, chamo “fatos teóricos” um conceito-ocorrência pertencente a um sistema, assim como definimos também os “fatos de língua”), procurando mostrar suas correspondências, continuidades e descontinuidades em relação à grande cena científica de uma época, sob a forma de um romance de ideias, de uma “dramaturgia epistemológica”, para utilizar a bela expressão de J.-C. Chevalier e P. Encrevé (2006).

Essa abordagem é frequentemente linear e causal em sua maneira de compreender os fatos teóricos, pois se apoia, para coerência à narrativa que se conta, sobre os atores e actantes da ciência, e sobre os programas, percursos e esquemas dos quais tomaram parte. Os “cronistas”, em geral, vão dizer, por exemplo, que Saussure engendra Hjelmslev, que engendra Greimas, e assim por diante.

A segunda abordagem, que poderíamos chamar *crítica* ou *inovadora*, não rejeita a diacronia – estamos no terreno da história –, mas dela se serve de modo diferente. A diacronia apreendida nessa abordagem não é aquela dos fatos teóricos que, segundo as datas das publicações e dos acontecimentos julgados relevantes, se sucederam no tempo, mas aquela que se converte em sincronia para produzir seus resultados: o historiógrafo ultrapassa, suspende as coerções temporais e “faz sistema” com os fatos teóricos, não raramente reconstruindo

o próprio sistema e inovando. Segundo os *inovadores*, Hjelmslev pode revelar Saussure e Greimas pode iluminar Hjelmslev. É isso que observou H. Parret sobre o pensamento de Zilberberg no prefácio a *Razão e poética do sentido*: “A semiótica . . . é uma entidade dinâmica, e seu devir identifica-se com um regresso a seus fundamentos, a suas origens, dialetizando a contribuição dos fundadores e dos continuadores (Hjelmslev “fundador” do fundador Saussure, Greimas “fundador” de Hjelmslev)” (citado por Zilberberg, 2004, p. 12).

Essa caracterização polarizada entre cronistas e inovadores nos serve somente para esboçar as grandes linhas da atividade historiográfica em semiótica e não consiste em uma apreciação valorativa ou “moral”, pois estamos convencidos de que as duas abordagens não se prestam aos mesmos usos e têm, cada uma a sua maneira, um lugar na transmissão e na construção da semiótica como disciplina.

CRONISTA OU INOVADOR?

É preciso ter em mente, é claro, que há outras maneiras de conceber a visada historiográfica em semiótica, maneiras estas que exploram diferentemente as duas abordagens anteriormente descritas.

Peguemos, por exemplo, o texto do prefácio de É. Landowski (2007) para a tradução lituana de *Semântica estrutural*. Nesse texto, o semioticista apresenta ao leitor experiente o projeto semiótico de *Semântica estrutural* à medida que ele mesmo procura se situar no interior desse projeto e estabelecer grandes linhas de evolução teórica. Para tanto, Landowski (2007) vai dispersar actancialmente a figura de Greimas, dividindo-a em três ou, ainda, em cinco Greimas diferentes: o Greimas semanticista, o Greimas semioticista e o Greimas fenomenólogo, aos quais se juntam o Greimas lexicólogo e o Greimas escritor, mencionados em nota de rodapé. Cada Greimas equivale, segundo o provocador autor de *Passions sans nom* (2004), a “. . . famílias de espírito bem diferentes e mesmo, em grande medida, rivais” (Landowski, 2007):

A primeira reúne uma geração de pesquisadores que, fiéis ao espírito de *Semântica Estrutural*, se consagraram ao desenvolvimento de uma linguística textual e de uma semântica das culturas. *A segunda* continua até os dias de hoje a fazer do *Dicionário* sua principal obra de referência, seja tomando tais quais os modelos da sintaxe narrativa e modal que constituem seu cerne e os aplicando escrupulosamente – são os defensores da semiótica dita *standard* –, seja buscando enriquecê-los e sistematizá-los, principalmente no âmbito da semiótica dita “tensiva”. *A terceira*, encontrando, por sua vez, inspiração sobretudo em *Da imperfeição*, tenta atualmente

D

⁷No original: “La première regroupe une génération de chercheurs qui, restés fidèles à l’esprit de Sémantique structurale, se sont consacrés au développement d’une linguistique textuelle et d’une sémantique des cultures. La deuxième continue jusqu’à maintenant de faire du Dictionnaire son principal ouvrage de référence, soit en prenant tels quels les modèles de la syntaxe narrative et modale qui en constituent le noyau et en les appliquant scrupuleusement — ce sont les tenants de la sémiotique dite standard —, soit en cherchant à les enrichir et à les systématiser, principalement dans le cadre de la sémiotique dite « tensive ». La troisième, trouvant pour sa part son inspiration surtout dans De l’Imperfection, tente actuellement de promouvoir une sémiotique en prise sur l’expérience, capable d’intégrer la dimension sensible et aussi celle de l’aléa dans l’analyse des conditions de la production et de la saisie du sens”.

promover uma semiótica que trate da experiência, capaz de integrar a dimensão sensível, e também aquela do aleatório, na análise da produção e da apreensão do sentido.⁷ (Landowski, 2007, grifos nossos)

Landowski (2007) não se limita a destacar as três grandes “famílias” da semiótica. Em nota de rodapé, ele as identifica: a primeira família é aquela de F. Rastier, a segunda, de J. Fontanille e Zilberberg, e a terceira, finalmente, é a de J.-M. Floch, J. Geninasca e do próprio Landowski.

Essa maneira de encarnar figurativamente as problemáticas teóricas em diferentes atores da teoria mostra como uma estratégia de *cronista* pode ser utilizada com vistas à inovação no espaço teórico. Landowski (2007) não conta simplesmente a história da semiótica – até porque não há história única e nem simples –, ele a reconstrói segundo sua compreensão teórica. O passado da semiótica contém em germe seu futuro: aquilo que é ideia difusa na origem torna-se escola ou família no devir.

PRINCÍPIOS SEMIÓTICOS DE META-HISTORIOGRAFIA

A semiótica pode desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento de uma historiografia de base discursiva, ou seja, uma historiografia que não se contente em estabelecer princípios metodológicos gerais, de ordem puramente histórica, mas que reconheça o estatuto discursivo dos textos que analisa.

A coexistência da dimensão metodológica da historiografia clássica com o aparato de análise da semiótica nos parece perfeitamente possível e desejável, especialmente no que diz respeito aos seguintes problemas historiográficos, que constituem princípios semióticos de meta-historiografia ou, segundo Santos (2020), uma semio-historiografia:

- (1) *A própria natureza do fazer historiográfico.* O semioticista não poderia se limitar a abordar a história de sua disciplina por meio do olhar do historiador (a precisão das fontes, a primazia da materialidade dos documentos, a delimitação dos objetivos, o respeito às condições de produção e circulação dos saberes, a ambição da narrativa) e deveria procurar tratar a narrativa histórica e seus textos como uma semiótica-objeto, analisável discursivamente, narrativamente, tensivamente etc. Isso equivaleria a afirmar que a natureza do fazer historiográfico é necessariamente dupla: histórica e semiótica;
- (2) *A superação da análise “interna” e “externa” em historiografia.* A semiótica, ao estabelecer as relações de dependência entre os textos

e os discursos que proliferam no campo científico, possibilitaria ao historiógrafo integrar os elementos próprios à construção da teoria e ao universo socioletal em que ela é gestada a um só projeto analítico. Por exemplo: a escolha do primeiro Greimas pela análise do conteúdo é um pressuposto teórico interno a sua teoria e ao mesmo tempo é um ponto de contato com as mais diversas teorias do discurso de sua época. Se discursos teóricos diferentes, como a semiótica discursiva e a análise do discurso (AD) francesa, por exemplo, deram, nos anos 1970, guardadas as devidas proporções, a mesma primazia à análise do conteúdo, isso significa que essas duas teorias, enquanto processos, exploraram propriedades de um só sistema de ideias. Não é preciso delimitar “interior” e “exterior” do texto – texto e “contexto” – para chegar a essa conclusão, é preciso recorrer ao discurso que configura cada “clima de opinião”, segundo o termo caro a K. Koerner, e tecer a sua rede intertextual e interdiscursiva;

- (3) *A definição de fato teórico e sua dinâmica no interior de um sistema científico.* Os fatos teóricos, assim como os fatos de língua, são ocorrências particulares que remetem a continuidades e descontinuidades mais gerais que se encontram no âmbito do sistema científico. Eles são produzidos e podem ser analisados segundo os modos de existência semiótica (virtual, atual, potencial, realizado), segundo uma perspectiva diacrônica ou sincrônica, ou segundo sua identidade e sua alteridade no sistema (variação e mudança). Desse modo, podemos estudar semioticamente o surgimento e o desaparecimento de fatos teóricos, em suma, sua evolução no interior de um mesmo sistema e entre sistemas derivados. Por exemplo, quando J. Fontanille (2008) concebe um *percurso gerativo da expressão*, homologando a *expressão* à experiência semiótica, fica claro que expressão adquire outra espessura de fato teórico, torna-se uma variante própria ao idioleto fontanilliano;
- (4) *A análise da dimensão enunciativa e retórica dos textos científicos.* É de suma importância compreender os modos de enunciação e de narração (delegação) na produção de textos científicos. Isso implica analisar a forma como o enunciador configura *éthos* e *páthos* e como delega a diferentes atores do enunciado competências epistêmicas distintas para afirmar, reforçar ou refutar ideias do campo científico, constituindo um verdadeiro campo de presença ou campo posicional, com fonte, alvo e obstáculo. Do ponto de vista da heterogeneidade constitutiva dos discursos, são as citações, diretas ou indiretas, as responsáveis por revelar grande parte desses fenômenos enunciativos;

- (5) *A programação e a persuasão dos discursos teóricos analisados*, ou seja, o que a teoria faz (o enunciado teórico) e o que diz que faz (a sua enunciação enunciada). O discurso teórico, expositivo e explicativo, opera pela extensidade da programação (a quantidade) e pela intensidade das asserções (a qualidade). Desse modo, cria seu objeto e garante, ao mesmo tempo, sua permanência e relevância, mediante estratégias enunciativas que valorizam ou desvalorizam certos aspectos do programa científico. Um bom exemplo disso é o estatuto da noção de plano da expressão na prática de análise, que se modificou ao longo do desenvolvimento da teoria (Castro, 2022);
- (6) *Os empréstimos e as redefinições da metalinguagem*. Categoria clássica de análise da historiografia linguística (cf. os trabalhos de P. Swiggers e O. Coelho), a metalinguagem, que frequentemente se faz por empréstimos e redefinições, permite conhecer o modo de formalização das teorias e as influências que nele se cristalizam, de modo assumido, implícito, esquecido ou apagado, por sucessivas misturas e triagens. O mapeamento metalinguístico é essencial para situar uma disciplina entre suas iguais e entre suas radicalmente diferentes, tanto do ponto de vista dos termos (condensados e estabilizados lexicalmente) quanto daquele dos conceitos ou das noções (expandidos discursivamente em definições);
- (7) *A figuratividade dos discursos teóricos*. A figuratividade nos discursos filosóficos e científicos é, em geral, rarefeita, embora muitos textos de G. Bachelard e G. Deleuze nos provem o contrário. Nos discursos científicos em especial, a figuratividade se manifesta explicitamente na forma de diagramas (gráficos, tabelas, representações visuais), de natureza verbovisual em geral, e implicitamente em metáforas especialmente espaciais (o *profundo* e o *superficial*, o *inferior* e o *superior*, as *camadas* ou os *níveis*, o *transversal*, o *interno* e o *externo*, o *central* e o *marginal* ou *periférico*, os *limites* e *limiars* etc.), a maior parte amplamente assentada no uso das diversas línguas naturais. Descrever, quando é o caso, a figuratividade de uma teoria, é conhecer seu potencial cosmogônico;
- (8) *Uma perspectiva modular sobre as teorias da linguagem*. Módulo é o conjunto de hipóteses, objetivos, limites, leis e princípios e métodos de análise que dado constructo teórico apresenta e mobiliza, organizando-se como uma teoria mais geral e ampla, de natureza englobante, ou como uma zona de interesse de adensamento teórico, de caráter englobado, que se inicia, em geral, a partir da abordagem de um novo objeto de análise ou de uma nova problemática teórica. Segundo essa concepção, na semiótica do discurso, podemos falar em vários módulos: semiótica

narrativa, semiótica discursiva, semiótica das paixões, semiótica tensiva, semiótica das práticas, semiótica das formas de vida, entre outros. Esses módulos têm limiares e pontos de encaixe, e se não podemos afirmar simplesmente que são complementares, sabemos, no entanto, que permitem utilização e combinação variada, sem risco de produzir, no conjunto das investigações, resultados díspares ou contraditórios. Os resultados de diferentes módulos de uma teoria são homologáveis.

Esses princípios, concebidos de modo colaborativo, na fricção de ideias entre semiótica e historiografia linguística, foram desenvolvidos e aprimorados com base em três grandes eixos norteadores:

- (1) A história, a historiografia e a própria semiótica são textos, discursos e práticas que necessitam de um tratamento linguístico, semiótico e histórico;
- (2) A semiótica do discurso não resume toda a diversidade nem é a única a produzir hipóteses semióticas no contexto das teorias da linguagem, do discurso e do texto. Como existem ideias linguísticas antes, durante e depois do advento da linguística como disciplinas que não foram formuladas propriamente por linguistas, existem ideias semióticas que se deixam apreender no conhecimento popular e em técnicas, procedimentos e concepções de disciplinas próximas ou distantes;
- (3) A semiótica, assim como nenhuma outra disciplina ou teoria, não carece de defesa, de justificativa, de retórica de blindagem de seu projeto científico. Ela é suscetível a dúvidas, a críticas e, especialmente, a mudanças, que se fazem mais por aspectos socioeconômicos (cultura nacional, cultura letrada, política, arte, demandas educacionais, domínios linguísticos, relações de colaboração ou dependência intelectual) e institucionais (formação, filiação, conformação da carreira, característica dos grupos, das revistas e das associações) do que propriamente pelas descobertas e formulações de um ator científico isolado.

Os problemas, princípios e eixos que acabamos de evocar, sugerindo-lhes um tratamento semiótico, têm o objetivo de esboçar as linhas gerais de uma historiografia que aborde a (historiografia da) semiótica por meios igualmente semióticos.

A semiótica deve escrever mais um capítulo de sua vocação contra-hegemonica e se interessar radicalmente pelos textos e discursos científicos, dando sua contribuição a uma meta-historiografia de inspiração semiótica. Nada mais

bem-vindo e urgente nesses tempos em que a ciência e a história não mais se configuram como grandes musas (pobre Clio!) e em que a delicada e complexa empreitada do fazer-parecer verdadeiro foi subvertida por fervores e bravatas sem apreço pela evidência, pela lógica, pela argumentação e pela história. ■

REFERÊNCIAS

- Almeida, D. C. (2010). A vertente tensiva da semiótica greimasiana no Brasil: Breve estudo historiográfico. *Cadernos de Semiótica Aplicada*, 7(2), 1-23. <https://tinyurl.com/rfw862jx>
- Altman, C. (1998). *A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*. Humanitas.
- Altman, C. (2012). História, estórias e historiografia da linguística brasileira. *Todas as Letras*, 14(1), 14-37. <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/4526/3488>
- Altman, C. A. (2021). *A guerra fria estruturalista: Estudos em historiografia linguística brasileira*. Parábola.
- Auroux, S. (1989). *Histoire des idées linguistiques (tome 1)*. Mardaga.
- Auroux, S. (1992). *Histoire des idées linguistiques (tome 2)*. Mardaga.
- Auroux, S. (2000). *Histoire des idées linguistiques (tome 3)*. Mardaga.
- Auroux, S. (2014). *A revolução tecnológica da gramatização* (3a ed). Pontes.
- Badir, S. (2013). Sémiotique et langage: Une présentation historico-épistémologique. In C. Normand & E. Sofia (Eds.), *Espaces théoriques du langage: Des parallèles flous*. Academia.
- Barros, D. L. P. (1999). Estudos do texto e do discurso no Brasil. *DELTA*, 15(especial), 183-199. <https://doi.org/10.1590/S0102-44501999000300008>
- Barros, D. L. P. (2007). Rumos da semiótica. *Todas as Letras*, 9(1), 12-23. <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/648>
- Barros, D. L. P. (2012). A semiótica no Brasil e na América do Sul: Rumos, papéis e desvios. *Revista de Estudos da Linguagem*, 20, 149-186. <https://doi.org/10.17851/2237-2083.20.1.149-186>
- Batista, R. (2023). *A linguística brasileira: Percursos históricos*. Mackenzie.
- Batista, R., & Bastos, N. B. (Orgs.). (2020). *Questões em historiografia da linguística: Homenagem a Cristina Altman*. Pá de Palavra.
- Bevidas, W. (2013). Sur l'épistémologie du Résumé: Pas de philosophie sans linguistique. *Janus – Quaderni del circolo glossematico*, 1, 163-175.
- Bevidas, W. (2015a). A teoria da linguagem de Hjelmslev: Uma epistemologia imanente do conhecimento. *Estudos Semióticos*, 11(1), 1-10. <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2015.103769>

- Beividas, W. (2015b). A semiótica tensiva: Uma teoria imanente do afeto. *Cadernos de Semiótica Aplicada*, 13(1), 43-86. <http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/view/7607/5436>
- Beividas, W. (2015c). L'immanence sémiotique: perception ou sémioception? *Metodo. International Researches in Phenomenology and Philosophy*, 3, 165-184. <https://doi.org/10.19079/metodo.3.1.165>
- Beividas, W. (2016). A semiologia de Saussure como epistemologia do conhecimento. *Revista de Estudos da Linguagem*, 24(1), 35-64. <https://doi.org/10.17851/2237-2083.24.1.35-64>
- Broden, T. (2013). Diachronies et régimes discursifs de la biographie intellectuelle. In D. Bertrand, I. Darrault-Harris, M. G. Dondero & V. Estay (Orgs.), *Actes du Congrès de l'Association Française de Sémiotique "Sémiotique et diachronie"* (pp. 1-10). Liège. https://afsemio.fr/publications/actes_congres/semiotique-et-diachronie-actes-du-congres-de-lafs-2013/
- Burks, A. W. (1949). Icon, index, and symbol. *Philosophy and Phenomenological Research*, 9(4), 673-689. <https://doi.org/10.2307/2103298>
- Caire-Jabinet, M.-P. (2013). *Introduction à l'historiographie* (3a ed). Armand Colin.
- Castro, C. M. (2022) *A noção de planos da linguagem na semiótica discursiva* [Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista]. Repositório da Unesp. <https://tinyurl.com/4mpcd6ry>
- Chevalier, J.-C., & Encrevé, P. (2006). *Combats pour la linguistique, de Martinet à Kristeva: Essai de dramaturgie épistémologique*. ENS Édition.
- Coelho, O. (Org.). (2018). *A historiografia linguística no Brasil (1993-2018): Memórias, estudos*. Pontes.
- Coelho, O. (Org.). (2021). *Fontes para a historiografia linguística: Caminhos para a pesquisa documental*. Pontes.
- Coquet, J.-C. (Org.). (1982). *Sémiotique: L'École de Paris*. Hachette.
- Delacroix, C., Dosse, F., Garcia, P., & Offenstadt, N. (Orgs.). (2010a). *Historiographies I: Concepts et débats*. Gallimard.
- Delacroix, C., Dosse, F., Garcia, P., & Offenstadt, N. (Orgs.). (2010b). *Historiographies II: Concepts et débats*. Gallimard.
- Fiorin, J. L. (1995a). Semântica estrutural: O discurso fundador. In É. Landowski, A. C. Oliveira (Orgs.), *Do inteligível ao sensível: Em torno da obra de Algirdas Julien Greimas*. Educ.
- Fiorin, J. L. (1995b). Noção de texto na semiótica. *Organon*, 9(23), 163-174. <https://doi.org/10.22456/2238-8915.29370>
- Fiorin, J. L. (1996). O corpo nos estudos da semiótica francesa. In I. A. Silva (Org.), *Corpo e sentido: A escuta do sensível* (pp. 85-96). Unesp.

- Fiorin, J. L. (1999). Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva. *DELTA*, 15(1). <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44501999000100009>
- Fiorin, J. L. (2002). Esboço da história do desenvolvimento da semiótica francesa. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 42, 131-146. <https://doi.org/10.20396/cel.v42i0.8637144>
- Fiorin, J. L. (2003). O projeto hjelmsleviano e a semiótica francesa. *Galáxia*, (5), 19-52. <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1314/810>
- Fiorin, J. L. (2004). Semiótica e comunicação. *Galáxia*, (8), 13-30. <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1390/869>
- Fiorin, J. L. (2006). Enunciação e semiótica. *Letras*, (33), 69-97. <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11924>
- Fiorin, J. L. (2007a). O sujeito na semiótica narrativa e discursiva. *Todas as Letras*, 9(1), 24-31. <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/649>
- Fiorin, J. L. (2007b). Semiótica e retórica. *Gragoatá*, 12(23), 9-26.
- Fiorin, J. L. (2007c). *Linguagem e ideologia*. Ática.
- Fiorin, J. L. (2016). À propos des concepts de débrayage et d'embrayage: Les rapports entre la sémiotique et la linguistique. *Actes Sémiotiques*, (119).
- Fontanille, J. (2008). *Pratiques sémiotiques*. PUF.
- Granado, A. H. (2021). *Semiótica e cultura de massa: Um estudo historiográfico* [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista]. Repositório da Unesp. <https://tinyurl.com/9pr7kk2z>
- Greimas, A. J. (1966). *Sémantique Structurale*. Larousse.
- Hénault, A. (1992). *Histoire de la sémiotique*. PUF.
- Hénault, A. (2009). *História concisa da semiótica*. (M. Marcionilo, Trad.). Parábola.
- Hénault, A., & Beyaert, A. (2004). *Ateliers de sémiotique visuelle*. PUF.
- Hjelmslev, L. (2003). *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. (T. Coelho Neto, Trad.). Perspectiva.
- Koerner, E. F. K. (1989). *Practicing linguistic historiography: Selected essays*. John Benjamins.
- Koerner, E. F. K. (1995a). Persistent issues in linguistic historiography. In K. R. Jankowsky (Org.), *History of linguistics 1993: Papers from the Sixth International Conference on the History of the Language Sciences (ICHoLS VI)* (pp. 3-25). John Benjamins.
- Koerner, E. F. K. (1995b). *Professing linguistic historiography*. John Benjamins.
- Koerner, E. F. K., & Asher, R. E. (Orgs.). (1995). *Concise history of the language sciences: From the Sumerians to the cognitivists*. Pergamon Press.
- Landowski, É. (Org.). (1997). *Lire Greimas*. Pulim.
- Landowski, É. (2002). *Presenças do outro*. (M. A. L. Barros, Trad.). Perspectiva.

- Landowski, É. (2004). *Passions sans nom: Essais de socio-sémiotique III*. PUF.
- Landowski, É. (2007). Le papillon tête-de-Janus: à propos de *Sémantique structurale*, quarante ans après. *Actes Sémiotiques*, (110). <https://doi.org/10.25965/as.1540>
- Lopes, E. (1997). *A identidade e a diferença: Raízes históricas das teorias estruturais da narrativa*. Edusp.
- Lopes, I. C. (2010). Les activités sémiotiques au Brésil en 2010: Survol à grande altitude. *Signata – Annales des Sémiotiques*, 1, 1-2.
- Lopes, I. C. (2011). Coup d'œil sur la sémiotique au Brésil en 2011. *Signata – Annales des Sémiotiques / Annals of Semiotics*, 2, p. 1-3.
- Lopes, I. C. (2012). La sémiotique au Brésil en 2012: Un aperçu. *Signata – Annales des Sémiotiques*, 3, 1-4.
- Lopes, I. C. (2014). L'année 2014 dans la sémiotique brésilienne: Quelques repères. *Signata – Annales des Sémiotiques*, 5, 1-8. http://web.philo.ulg.ac.be/signata/wp-content/uploads/sites/23/2015/05/Bresil_2014.pdf
- Moreira, P. V. (2019). *A emergência do sensível na semiótica discursiva: Uma abordagem historiográfica* [Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista]. Repositório da Unesp. <https://tinyurl.com/3t7f3xss>
- Moreira, P. V., Santos, F. K. R., & Portela, J. C. (2021). A citação em textos científicos: Uma análise semio-historiográfica do argumento de influência. *Estudos Linguísticos*, 50(1), 262-280. <https://doi.org/10.21165/el.v50i1.2945>
- Murray, S. O. (1994). *Theory groups and the study of language in North America: A social history*. John Benjamins.
- Newmeyer, F. J. (1996). *Generative Linguistics: A historical perspective*. Routledge.
- Nöth, W. (1990). *Handbook of semiotics*. Indiana University Press.
- Portela, J. C. (2016). Sémiotique de la bande dessinée: Regards sur la théorie franco-belge. *Signata – Annales des Sémiotiques*, 7, 391-407. <https://doi.org/10.4000/signata.1247>
- Portela, J. C. (2018). História das ideias semióticas: entre cronistas e inovadores. *Estudos Semióticos*, 14(1), 138-143. <https://tinyurl.com/ytkje6fh>
- Portela, J. C. (2019). Semiótica e ideologia. *Revista do GEL*, 16(1), 132-142. <https://doi.org/10.21165/gel.v16i1.2778>
- Prado, M. G. S. (2018). *A enunciação na semiótica discursiva: Um estudo historiográfico* [Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista]. Repositório da Unesp. <https://tinyurl.com/ycx3srt7>
- Rastier, F. (1997). Les fondations de la sémiotique et le problème du texte: Questions sur les «Prolégomènes à une théorie du langage» de Louis Hjelmslev. *Texto! Textes et cultures*. http://www.revue-texto.net/Inedit/Rastier/Rastier_Fondations.html

D

- Santos, A. A. (2014). *De Propp a Ricoeur: Origens e impasses da semiótica narrativa* [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista]. Repositório da Unesp. <https://tinyurl.com/37zhmj2x>
- Santos, F. K. R. (2020). *O conceito de figuratividade e as práticas de institucionalização da semiótica no Brasil e na França* [Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista]. Repositório da Unesp. <https://tinyurl.com/4m6b7ap6>
- Swiggers, P. (1990). Reflections on (models for) linguistic historiography. In W. Hüllen (Ed.), *Understanding the historiography of linguistics: Problems and projects* (pp. 21-34). Nodus.
- Swiggers, P. (1997). *Histoire de la pensée linguistique: Analyse du langage et réflexion linguistique dans la culture occidentale, de l'Antiquité au XIXe siècle*. PUF.
- Swiggers, P. (2012). Historiografia da linguística: objeto, metodologia, modelização. *Todas as Letras*, 14(1), 38-53. <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/4527>
- Zilberberg, C. (2004). *Razão e poética do sentido*. Edusp.

Artigo recebido em 22 de novembro de 2024 e aprovado em 18 de dezembro de 2024.